

TEORIA DOS SISTEMAS COMO MARCO TEÓRICO: ADVERTÊNCIAS ANTI-TRAUMAS

Resumo

Comunicação é a célula da sociedade. Lidar com essa afirmação requer advertências gnosiológicas e epistêmicas quanto à teoria dos sistemas. Via pesquisa bibliográfica, nossa expectativa é que, ao final da leitura deste texto, alguém não mais se surpreenda com afirmações como: a diferenciação objeto/sujeito não é suficiente a uma teoria social; diversa da causalidade linear, a causalidade circular reflexiva dá lugar à lógica do ao mesmo tempo, com a qual uma comunicação com sentido, por recursividade, não tem início nem fim, portanto, a metáfora da transmissão não é suficiente para explicar a comunicação social; sistema existe porque, por aquisição evolutiva, principalmente após a imprensa, comunicações hipercomplexas empregam o sentido para observar a si mesma ao mesmo tempo que observa seu ambiente na forma de sentido; há sistema que aprende, como os sistemas de comunicação com sentido (a sociedade), o qual é estruturalmente fechado ao mesmo tempo que cognitivamente aberto. Ao se afastar da teoria do conhecimento pautada pela busca da essência, ao relocar a diferenciação objeto/sujeito pela, ambiente/sistema, além de consequências gnosiológicas e se afastar do normativismo e moralismo, a teoria dos sistemas porta consequências epistêmicas como: observar é distinguir; distinguir é operação de seleção e indicação; observar com sentido é uma observação de segunda ordem, não observa a si mesma; toda observação é contingente porque poderia ser diversa daquela realizada; observar com sentido uma seleção que reduz o que é e permanece possível como realidade específica e caracterizável, para o que requer um outro lado da forma, um excesso de referências, um mundo cheio de possibilidades que não podem ser atualizadas ao mesmo tempo na comunicação.

Palavras-chave

teoria dos sistemas, sociedade, comunicação, sentido.

STAMFORD DA SILVA, Artur
Professor Titular de Sociologia
do Direito da Faculdade de
Direito do Recife, Centro de
Ciências Jurídicas da Univ.
Federal de Pernambuco.
Pesquisador 1A pelo CNPq.
artur.silva@ufpe.br
orcid.org/0000-0001-6537-2399



.....
Submetido em: 28/04/2026
Autor convidado

SYSTEMS THEORY AS A THEORETICAL FRAMEWORK: ANTI-TRAUMA WARNINGS

Abstract

Communication is the building block of society. Addressing this assertion requires gnoseological and epistemological caveats regarding systems theory. Through a review of the literature, our expectation is that, by the end of this text, readers will no longer be surprised by statements such as: the object/subject distinction is insufficient for a social theory; unlike linear causality, reflexive circular causality gives rise to the logic of at the same time, whereby meaningful communication, by virtue of recursion, has neither a beginning nor an end; therefore, the metaphor of transmission is insufficient to explain social communication; systems exist because, through evolutionary acquisition—particularly following the advent of the press—hypercomplex communications employ meaning to observe themselves whilst simultaneously observing their environment in the form of meaning; there are systems that learn, such as systems of meaningful communication (society), which are structurally closed whilst at the same time being cognitively open. By moving away from a theory of knowledge guided by the search for essence, by replacing the object/subject distinction with that of environment/system, and by moving beyond gnoseological consequences to distance itself from normativism and moralism, systems theory entails epistemic consequences such as: to observe is to distinguish; to distinguish is an operation of selection and indication; to observe with meaning is a second-order observation; it does not observe itself; every observation is contingent because it could have been different from the one made; to observe meaningfully involves a selection that reduces what is and remains possible to a specific and characterisable reality, for which it requires the other side of form, an excess of references, a world full of possibilities that cannot all be realised simultaneously in communication.

Keywords

systems theory; society; communication; sense.

.....

1 INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios do fazer pesquisa científica, com destaque para o caso da área do direito, é definir o aporte teórico. Ocorre que, sem marco teórico, não há pesquisa científica. Uma vez definida a teoria, o marco teórico que norteará a análise dos dados, desafios outros *aprontam muito* com o observador. No caso das ciências sociais, humanas, ciências sociais aplicadas (como queira), predomina a perspectiva de “escola de um só” (Stamford da Silva, 2002), ocorre que autor isolado não faz teoria, autores outros são necessários para uma perspectiva de explicação vir a assumir o posto de teoria.

Estas reflexões têm a teoria dos sistemas como marco teórico, o que me leva a lidar com os desafios que *aprontam muito* com a observação. O tom jocoso com o que recorro ao termo TRAUMA se deve ao objetivo de animar o uso da teoria dos sistemas como aporte teórico por quem nunca leu textos de Luhmann. Ao lado de tantos outros autores, Luhmann se inscreve como mais um daqueles que muito é referenciado, porém muito pouco lido. Isso viabiliza as típicas “fofocas” acadêmicas. Seja como for, concordo que a teoria dos sistemas implica numa disponibilidade para vivenciar desconfortos reflexivos: TRAUMAS REFLEXIVOS. Assim cunhei a ideia dos tantos depoimentos de orientados(as) de graduação, mestrado e doutorado em Direito (PPGD-UFPE) e em Inovação Terapêutica (PPGIT-UFPE).

Como enunciado na primeira linha, estamos lidando com o mundo científico, acadêmico, os possíveis leitores certamente terão estreita relação com esse mundo, caso contrário, sequer acessariam esse texto. Façamos um experimento. Não é raro me ser perguntado: o que Luhmann entende por x? (X é qualquer termo sobre o qual se deseja saber). Quem pergunta “o que é?” deseja por resposta a definição do conceito. Ocorre que na perspectiva sistêmica mais atual e, como todos sabemos, Niklas Luhmann não é o único sistêmico que há, os conceitos não têm origem nem fim. Pesquisas históricas sobre conceitos não se ocupam em descobrir seu sentido, mas sim, desenvolver reflexões sobre seu uso.

Reinhard Koselleck ensina muito bem isso, bem como Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva, Ruth Wodak, Luiz Antônio Marcuschi Richard Rorty, e tantos outros. Ainda que não haja, então, A definição Definitiva de ciência, há a distinção entre pesquisa científica e não científica. Sabemos sim que uma opinião, um parecer, uma visão de mundo, uma ideologia (religiosa, política etc.) não é ciência. É que não haver A definição não elimina a distinção. Esse seria um TRAUMA de entrada: o afastamento da gnosiologia baseada da diferenciação sujeito/objeto, pela, sistema/ambiente.

Ciência requer falar por dados (Stamford da Silva, 2021, p. 169). Ocorre que analisar dados envolve um aporte teórico. Essa situação conduz à tentação da verdade verdadeira, a verdade com última palavra, aquela que expressa a “essência da coisa”, da “coisa em si”. A observação parte de que não há essência a ser desvelada pela observação. Proponho que a distinção entre ciência e não ciência não está num método, mas sim na postura da observação. Para isso, recorro à diferenciação: fé/crença. A postura de Fé tem verdade com última palavra, já a, de crença, não. A verdade científica é sem última palavra. Não ser científico não se confunde com ser ruim ou do mal. Apenas, não é científico. Agora, se o problema é não se saber o que são dados de pesquisa ... A COISA ganha complicadores que não há como tratar nessas reflexões.

O ponto é que analisar dados contém desafios que *aprontam muito* com a observação. Me refiro aos elementos das perspectivas gnosiológicas e epistemológicas, afinal, todo marco teórico conta com uma perspectiva de objeto, de sua explicação e de verdade científica (Stamford da Silva, 2021).

No caso da teoria dos sistemas, seu objeto é a comunicação com sentido a ser explicada com autodescrição de como é possível a diferenciação funcional das operações comunicativas, tudo isso, partindo de que “Sociedade não tem uma essência” (Luhmann, 2007, p. 64). A observação sistêmica não busca pela definição definitiva de um conceito, ela auto-observa a comunicação comunicada, sem moralismo, sem normativismo.

Na perspectiva sistêmica, conceito é um fenômeno social e, como constituição social do sentido, contém elementos da experiência social (memória semântica). A realidade social é comunicação, é os conceitos usados numa comunicação, inclusive, porque linguagem “é uma construção histórica especial da evolução, baseada em uma seleção criteriosa de seus meios (recursos)” (Luhmann, 2007, p. 159) e, como forma de sentido, como distinções marcadas, os “signos são estruturas de operaciones repetíveis” (Luhmann, 2007, p. 159). Conceitos não são representações de algo, comunicar não transmite informação.

Antes de seguir, duas informações. Primeira: a teoria da sociedade como sistema de comunicação com sentido¹ é composta por nove livros, ela não é um manual de sociologia. Os nove livros são: Sistemas sociais (1984); Ciência da sociedade (1988), Economia da sociedade (1990), Direito da sociedade (1993), Arte da sociedade (1995), Sociedade da sociedade (1997), Política da sociedade (2000), Religião da sociedade (2000), Educação da sociedade (2002). Observe que os títulos desses livros terminam com o termo “sociedade”, trata-se de comunicação com sentido: Ciência como comunicação; Economia como comunicação; Direito como comunicação etc.

Segunda informação. Comunicação com sentido é um pressuposto, uma decisão conceitual, ou ainda, uma premissa de decisão indecível, um ponto de partida da cultura organizacional científica (Luhmann, 2010, p, 281; Rodríguez Mansilla; Opazo, 2007, p. 326). Todo marco teórico envolve tais decisões. No caso da teoria dos sistemas, seu diferencial está em seus pressupostos não serem idealizados nem ideológicos, mas de autodescrição. A *teoria da sociedade como sistema de comunicação com sentido* é uma teoria dedicada a

¹ “Autor de 60 livros e 377 artigos¹⁹, Luhmann se configura como sociólogo de extrema relevância, em especial para a sociologia do direito, inclusive por ser o único a aplicar as novidades da Teoria Geral dos Sistemas, dos anos de 1960, à Teoria da Sociedade; do que resulta um surpreendente e fascinante impacto inovador no olhar sociológico diante da peculiaridade, irreverência e ironia como Luhmann escreve, envolve e convida leitores a participar da sociedade e da visão sistêmica diferencial, construtivista e evolucionista” (Stamford da Silva, 2016, p. 26).

autodescrever como é possível a vida humana em sociedade. É uma teoria de observação da comunicação humana.

Para desenvolver essas reflexões, foi realizada pesquisa bibliografia primária de textos escritos por Niklas Luhmann traduzidos ao espanhol, português, inglês e italiano.

Seguindo a pretensão de animar pesquisas sistêmicas, umas palavras sobre a tentação do fazer denúncias. A teoria dos sistemas se afasta de perspectivas normativistas, moralistas ao questionar o quanto a criticidade sociológica deve ser reduzida ao denunciismo. Uma das consequências de se diferenciar o saber científico pela distinção fé/crença é que, quando a pesquisa se nutre de fé, quem nega que isso ocorre frequentemente, ela deixa de ser científica. Nada mais. Não se trata de negar importância e validade ao saber religioso, por exemplo. Ocorre que, para lidar com as violências que se perpetuam na sociedade, como as diversas formas de desigualdade social que vivenciamos cotidianamente e, inclusive, lidar com sugestões de políticas públicas, se se guia pela fé, o debate seguirá pela via da disputa ideológica (políticas, religiosas etc.) que conduz a extremos e, deles, às guerras, até mesmo quando se trata de guerra de posição. Se se pauta por crenças, os dados expostos na análise das pesquisas conduzem a debates que se seguem pela via da compreensão, o que não se confunde com chegar a um acordo, afinal, compreendemos mesmo quando discordamos de algo que foi enunciado (Stamford da Silva, 2024, p. 10-15).

Por óbvio, fazer ciência conta com fazer afirmações. Há verdade científica. Com a diferenciação fé/crença, o saber científico e sua credibilidade está em o que se afirma ser lastreado em dados, sejam eles coletados via a técnica de pesquisa bibliografia, documental, entrevista, questionário, observação, estudo de caso, história de vida ou qualquer outra. Claro, há sempre a possibilidade de um cientista recorrer a dados e, outros, a outros dados para lidar com uma mesma questão social e política pública. Contudo, a exposição dos dados revela isso. A validação do saber científico preza justamente esse lastro. Se a postura do

observador é de doutrinação, não cabe falar em ciência. A postura do observador demarca a ciência por ele distinguir fundamentalismo de reflexividade (não fundamentalismo) (Stamford da Silva, 2021, p. 196).

Sigamos. Aplicar uma teoria social numa pesquisa científica envolve conhecer seus elementos e sua lógica científica, afinal, não é suficiente expressar terminologias, recorrer a termos pouco conhecidos para aparentar domínio teórico é engodo. É preciso que as análises dos dados estejam teadas por elementos do marco teórico (categorias analíticas, por exemplo). O desejo de uma sociedade menos violenta não é qualquer entrave para se pesquisar as formas de violência, antes, com a perspectiva sistêmica se entendendo mito bem que o caminho é comunicar, comunicar e comunicar, afinal, comunicação com sentido demanda temporalidade, recursividade. Não há outra via se não comunicar e seguir comunicando sobre o que se tem por violência social. Sobre isso, alerta Luhmann que, uma vez que se passa das ideias para a realidade mesma, uma teoria social dedicada a autodescrever a realidade precisa lidar com seu lugar, seu papel social (Luhmann, 2007, p. 10), ela é uma teoria chamada a agir, o que envolve, “antes de tudo, compreender porque a sociedade se gera tantos problemas a si mesma, independente as intenção de melhorá-la tendo em vista ideias como maior solidariedade, emancipação, comunicação racional, integração social etc.” (Luhmann, 2007, p. 10). A sugestão é que a sociologia lide com a realidade numa relação de aprendizagem e não de ensinamento. A observação sistêmica parte de que toda observação contingente, pode ser de outra maneira, inclusive, é observação de segunda ordem, observação de observação. A observação sistêmica é reflexiva, é auto-observação, posto que observa a si mesma como objeto de sua observação.

Iniciarei tratando de a opção pela teoria da sociedade como sistema de comunicação com sentido como aporte teórico requerer uma disponibilidade para se permitir duvidar de tudo o que sabe, principalmente devido ao já enunciado afastamento da diferenciação-guia

sujeito/objeto e à aproximação da, sistema/ambiente. Jocosamente, se dispor a tal afastamento, apronta traumas, afinal:

O enfoque luhmanniano é decididamente não ontológico, o que provavelmente fica em evidência por seu ponto de partida não ser a identidade, mas sim a diferença. O cálculo da forma de Spencer-Brown se inicia fazendo uma distinção: o método funcional se baseia na comparação dentre alternativas equivalentes; a contingência remete a outras possibilidades; o sentido é a diferença entre potencialidade e atualidade; a complexidade se entende como um gradiente entre sistema e ambiente; o sistema é sua diferença em relação ao seu ambiente; etc. Toda essa bagagem conceptual da teoria tem por centro a diferença (Rodríguez Mansilla, 2007, p. XIV).

Dentre os traumas reflexivos cito: a substituição da essência necessária do objeto pela realidade contingente da comunicação; a substituição da metafísica ontológica baseada em sujeito/objeto pela diferenciação sistema/ambiente; a substituição da causalidade pela circularidade reflexiva; a substituição da lógica linear pela lógica do mesmo tempo; a substituição da problematização científica “o que é” pela, “como é possível”. Assim é por Luhmann recorrer à teoria da diferenciação como forma de dois lados, à teoria da comunicação nos moldes da cibernética e à teoria da evolução, como em Charles Darwin e Humberto Maturana.

Para evitar tais traumas: “Quem acredita que não suportará isso e tampouco tem curiosidade suficiente para experimentar, deve interromper aqui a leitura” (Luhmann, 2010, p. 27).

Se segue em leitura, não se pode desconhecer que a teoria dos sistemas não se põe como A única teoria possível, antes,

Ela nunca reivindica para si a reflexão total da realidade do objeto, nem a exaustão de todas as possibilidades de conhecimento do objeto. Tampouco, por essa razão, reivindica exclusividade em sua pretensão de verdade em relação a outros empreendimentos teóricos concorrentes. Por outro lado, ela reivindica universalidade na apreensão do objeto, no sentido de que, como uma teoria sociológica, ela lida com o todo social e não apenas com segmentos (como, por

exemplo, estratos e mobilidade, particularidades da sociedade moderna, padrões de interação etc.) (Luhmann, 2007, p. 8).

Para a consecução de meu objetivo de estimular, animar e despertar interesse no uso dessa teoria lido com advertências anti-traumas na expectativa de esclarecer conceitos como sociedade, sistema, comunicação, sentido na TSSCS. Advertências anti-traumas são desmistificações sobre a referida teoria, estão voltadas a desmistificar informações sobre afirmações como: a sociedade não é feita por seres humanos; a consciência só pode pensar, só a sociedade pode comunicar (Luhmann, 2007, p. 76). Para entender isso poderia ler: “Uma das particularidades deste caso de acoplamento estrutural (consciência-comunicação) se assenta em que em *ambos* os lados participam sistemas autopoieticos” (Luhmann, 2007, p. 76). Outra, que Luhmann reduz todo saber a sim ou não. Bastaria saber que se trata de forma de dois lados. Outra, que sua teoria não tem lastro empírico e não considera a historicidade social. Poderia ler: “Todos os sistemas pressupõem um sistema social da sociedade já constituído” (Luhmann, 2007, p. 2); “a formação de sistemas com base na comunicação pressupõe o cuidado da reutilização, noutras palavras, pressupõe memória” (Luhmann, 2007, p. 166).

Será que devemos cobrar leituras para evitar tais mitos? É possível, mas disso se nutre também o desenvolvimento teórico. Apenas me surpreende quando esses mitos são afirmados por profissionais acadêmicos. Se bem, essa surpresa é um problema de expectativas minhas e, não, da realidade social mesma, né verdade? Agora, outra coisa é leitores divergirem na leitura e na aplicação das categorias de análise do mesmo marco teórico. Como *só de ser*, leitura correta não existe.

Assim, minha expectativa é que, ao final, o leitor entenda porque denomino a teoria de Niklas Luhmann como: Teoria da Sociedade como Sistema de Comunicação com Sentido. E que compreenda que: “Comunicação é a menor unidade possível de um sistema social, ou seja, a unidade à qual a comunicação pode reagir por meio de comunicação”; “sistema

existe”; “o sistema aprende”; “sociedade é o sistema de todas as comunicações possíveis”; “os sistemas que empregam sentido só podem observar a si mesmo e ao seu ambiente na forma de sentido”; “os sistemas que operam com o sentido ficam atados ao médium de sentido. Só o sentido lhes confere realidade na forma de atualização sequencial de seu próprio operar”; “sentido exige uma seleção que reduz o que é e permanece possível como realidade específica e caracterizável, para o que requer um outro lado da forma, um excesso de referências, um mundo cheio de possibilidades que não podem ser atualizadas ao mesmo tempo na comunicação”.

2 TRAUMAS COGNITIVOS E EPISTÊMICOS

Pesquisar a partir da Teoria da Sociedade como Sistema de Comunicação com Sentido (TSSCS) é observar como nós seres humanos produzimos e reproduzimos sentido, portanto, como se forma a realidade social via a comunicação humana, os conceitos usados numa comunicação.

Ter a teoria da sociedade como sistema de comunicação com sentido (TSSCS) como aporte teórico implica observar comunicação, e, não, objetos (físicos, ideais, coisa em si) nem sujeitos (intenções, razões, racionalidades). Observar comunicação humana é observar atribuição de sentido, é observar como, numa comunicação, se diferencia o que se marca (identifica, seleciona) como com sentido e o que se deixa como não marcado do sentido. Isso de observar comunicação traumatiza quanto à cognição, à perspectiva de que a relação indivíduo/sociedade pode servir para explicar a sociedade. Ocorre que, tomar o indivíduo como causa da sociedade dá lugar a mitos como o de que sociedade civilizada é aquela racional, moralista, na qual a ordem é posta pelo poder dominante, sendo legitimada pelo consenso. Esses essencialismos são fundamentados em normativismos hierárquicos, por isso geraram mitos e não explicações da sociedade. O trauma aumenta quanto se reconhece

que não há o dono do sentido, que quem estabelece o que é o sentido de algo não é um indivíduo nem um grupo social, mas sim a comunicação mesma. O ponto é que

A sociedade não pesa tanto quanto todos os seres humanos juntos e também não muda de peso a cada nascimento e morte. Ela não se reproduz pela troca de macromoléculas nas células individuais dos seres humanos ou de células nos organismos dos seres humanos individuais. Portanto, ela não está viva” (Luhmann, 2007, p. 13).

O trauma da relação indivíduo/sociedade está embricado ao trauma gnosiológico próprio da diferenciação objeto/sujeito, todavia, na teoria dos sistemas

O sistema social não é caracterizado por uma determinada “essência”, muito menos por uma moral específica (propagação da felicidade, solidariedade, igualdade de condições de vida, integração razoável e consensual, etc.), mas apenas pela operação que produz e reproduz a sociedade. Isso é comunicação (Luhmann, 2007, p. 48).

Uma via de superação desse trauma é se afastar da tendência de produzir inimigos autoelegidos (Luhmann, 2007, p. 21). O pressuposto é que toda teoria científica é necessariamente falha e limitada, afinal, não é possível observar tudo, toda a complexidade de algo, o objeto de pesquisa. Se na política, na religião, no futebol cabe estabelecer inimigos autoelegidos, na ciência isso é abandonar a cientificidade. Criar inimigos autoelegidos é acreditar que só um lado esteja certo e que o outro é excluído, combatido, eliminado. A opinião oposta, diversa é necessariamente falsa, enganosa, falaciosa, mentirosa. Ocorre que isso é confundir fé com crença. Na ciência a diversidade de leitura, de opiniões é nutriente, amplia o espectro, proporciona inovações, enriquece. O sistema da ciência aprende, afinal,

se se atribui ao conceito de comunicação um significado teórico central, seria necessário sempre levar em conta o que não é dito quando algo é dito; pois, nas relações sociais, as reações são frequentemente determinadas por uma reflexão sobre o que não foi dito. Se é para “fazer justiça à realidade social, não podemos abstrair o fato de que todas as formas de sentido utilizadas ali [numa comunicação] têm um outro lado, que inclui o que elas excluem no momento em que são utilizadas” (Luhmann, 2007, p. 23).

A acusação de Luhmann é que a perspectiva teórica vétero europeia, há 100 anos, não promove avanços teóricos sobre a sociedade por ter se criado obstáculos de observação ao se estabelecer como objeto elementos externos, a exemplo de que sociedade é composta por pessoas concretas ou por grupos sociais, por consenso racional entre as pessoas, pela territorialidade (Luhmann, 2007, p. 8-21). A alternativa é complementar as teorias sociais enriquecendo-as com elementos fáticos e conceituais (Luhmann, 2007, p. 25). Observe que não se trata de superar, mas sim de criticar lidando com as insuficiências, portanto, de complementar (Luhmann, 2007, p. 25).

A complementação proposta pela teoria dos sistemas é que a observação, para explicar como a comunicação humana é possível, é também uma comunicação. Com isso, temos que, além dos traumas gnosiológicos, há os epistêmicos, aqueles relativos à diferenciação mundo/sociedade. Para lidar com esses obstáculos, a teoria social precisa lidar com um elemento que lhe seja interno, próprio, pois

O sistema sociedade não se caracteriza por uma determinada “essência” (*Wesen*), nem muito menos por uma determinada moral (propagação de felicidade, solidariedade, nivelção de condições de vida, integração por consenso racional etc.), mas sim pela operação que produz e reproduz a sociedade, isto é: a comunicação (Luhmann, 2007, p. 48).

Trata-se do inevitável paradoxo constitutivo. Paradoxo, saliente-se, não é uma questão de lógica, de argumento contraditório, mas sim a inevitável contingência de toda comunicação, por isso, é uma questão do observador apoiada numa distinção, ou seja, se trata de que “O curso do mundo só pode ser posto em movimento de forma operativa. Ou com o teorema de Heinz von Foerster: ‘Só podemos decidir as questões que são, em princípio, indecidíveis’” (Luhmann, 2007, p. 136). Trata-se da observação de segunda ordem, aquela observação do sistema. Pois é. O sistema aprende. O sistema observa. Não é o ser humano concreto quem estabelece sentido. É o sistema mesmo. Esse trauma é, pelo que

tenho observado, o maior desafio para a compreensão da teoria da sociedade como sistema de comunicação com sentido.

Toda observação é observação de algo antes já observado. Comunicar é operar a indicação atual de sentido dentre a infinitude de possibilidades de sentido que o mundo do sentido disponibiliza. Se é assim, só possível uma comunicação com sentido porque se dá a atribuição de sentido, o que envolve a hipercomplexidade de sentidos possíveis, numa palavra: a forma sistema. É que, por aquisição evolutiva, especificamente após a imprensa, alguns temas (assuntos) se fizeram meios de consecução de sistemas (meios de comunicação simbolicamente generalizados), como arte, verdade, licitude, dinheiro, conhecimento, poder, habilidade esportiva, saúde, dos quais se formaram comunicações hipercomplexas de sentido, os sistemas sociais, respectivamente: arte, ciência, direito, economia, educação, política, religião, esportes, saúde.

Comunicar necessariamente realiza uma diferenciação, uma operação de seleção, com a qual um sentido é atribuído. Quem atribui, no entanto, não é um indivíduo ou uma coletividade (como vimos no trauma gnosiológico), mas sim o observador. Ocorre que sistema observa, sistema aprende. É o sistema que atribui ao tema sentido de autorreferência e heterorreferência ao observar uma comunicação. Evidente, há falante e ouvinte, há enunciação, o que a teoria dos sistemas evoca é que o sentido é interno, só o sistema atribui sentido, não o ambiente. O ambiente não comunica. Trata-se justamente da substituição da metafísica ontológica pela circularidade reflexiva, da substituição da diferenciação-guia sujeito/objeto, pela, sistema/ambiente. O trauma epistêmico passa justamente por uma teoria do observador, para a qual: “nenhum olho é capaz de ver a plenitude de um ente” (Luhmann, 2007, p. 139). Há “sistemas que observam”, como os sistemas autorreferentes, capazes de auto-observação e autodescrição, o que implica admitir que

Um sistema pode construir complexidade própria e, com isso, irritabilidade. Pode complementar a distinção sistema/ambiente em ambos os lados com outras distinções e, assim, ampliar suas possibilidades de observação. Ele pode reutilizar designações e, assim, condensar referências ou não as reutilizar e, assim, excluí-las. Ele pode lembrar e esquecer e, assim, reagir à frequência de irritações. Com tudo isso, o retorno da distinção ao diferenciado pode ser enriquecido e equipado com capacidades de conexão mais complexas (Luhmann, 2007, p. 139).

Identificados os traumas, vejamos as advertências anti-traumas.

3 ADVERTÊNCIAS ANTI-TRAUMAS GNOSIOLÓGICOS

Como visto, a teoria da sociedade como sistema de comunicação com sentido (TSSCS), de Niklas Luhmann, envolve abandonos de perspectivas com as que fomos colonizados, portanto, acostumados a crer, a gostar, a ter por boa educação, por competência cognitiva. Criticar a linearidade como fomos colonizados (“civilizados”) é traumático, afinal foi muito importante e bom como os índios e os negros foram tratados durante a formação de nossa sociedade atual. Não fosse isso, não teríamos logrado o desenvolvimento social atual. Incrível e assustador haver quem admita isso. Contudo, não concordar com isso requer reconhecer que nossos colonizadores são eivados de falhas, limitações, que suas ideias não foram nem são decentes. Não é a melhor opção de sociedade. Não por isso se trata de desenvolver ódio e rejeitar tudo e todos os filhos dos colonizadores, afinal, os próprios colonizadores já nem habitam o planeta terra. Trata-se de abandonar a síndrome do inferior colonizado. Ocorre que todo abandono, toda perda conta com uma dor.

Antes, uma consideração: a TSSCS não é indicada para quem prefere as respostas principiológicas e causais de ideias como sujeito cognoscente, objeto cognoscível, coisa em si, razão suficiente, intencionalidade, única decisão correta, verdade indiscutível, ordem

social como efeito da normatividade, hierarquia social, racionalidade, moralismo como elemento civilizatório.

Estou me referindo à questão de se exigir uma definição para os conceitos: o que é sociedade? O que é direito? O que é justiça? O que é moral, ética, civilização, racionalidade e qualquer outra palavra. Ocorre que essa exigência implica a perspectiva de que há uma essência nos entes (metafísica ontológica), o que implica haver quem atinge o conhecimento dessa essência, que será quem detém a verdade.

A TSSCS se afasta dessa perspectiva ao recorrer como pergunta gnosiológica: como é possível. Como é possível a realidade? Haver comunicação? Nos comunicarmos sobre sociedade, direito, justiça, moral, ética, civilização, racionalidade e qualquer outra palavra?

Lidar com isso é lidar com quem dita o sentido de algo. Quem dita, por exemplo, a política, a economia, o direito? O governo, o mercado, o judiciário? A mão livre de Adam Smith? A civilização da sociedade composta pelos seres humanos racionais? Quem estabelece o que é racional? O ser humano médio? Quem mede essa mediana? Quanto ao direito, qual questão jurídica está pacificada pelo Supremo Tribunal Federal? Qual assunto, tema jurídico é indiscutível?

Com essas provocações, apenas advirto para a liberdade reflexiva que a teoria dos sistemas propicia ao observador. É traumática porque se afastar de fundamentalismos hierárquicos normativistas leva a duvidar de muito do que se acredita. Questionar os próprios mitos é traumático. Fique, claro, todavia, que não se trata de considerar a teoria dos sistemas uma teoria libertadora, tampouco libertina, mas ... admitir que comunicação é a célula da sociedade tem suas consequências, como uma disposição para a perspectiva da “epistemologia recursiva” (Bateson, 2006, p. 256; Luhmann, 2007, p. 51) e para a perspectiva gnosiológica de conhecimento como horizonte, na qual conhecimento é um esquema de condicionamentos que o observador usa para observar, há uma estabilização

temporal que se dá com as reservas de informações que auxiliem as operações de seleção da diferenciação, isso é que a comunicação vivencia sua necessária continuidade comunicativa frente às pressões de sentido (Luhmann, 1996, p. 97-100).

Mas, como a comunicação humana é possível se cada um de nós tem sua visão de mundo? A resposta é que a comunicação não é impossível, pois as improbabilidades de comunicação se tornaram, por aquisição evolutiva, calculáveis (Luhmann, 2007, p. 848). A improbabilidade de qual informação será a selecionada, a improbabilidade de como ela será partilhada e a improbabilidade de como será compreendida são suportadas pela própria comunicação (Luhmann, 2007, p. 145) devido aos meios de consecução, aos meios de comunicação simbolicamente generalizados, os quais viabilizam que a comunicação se sintonize a condições tais que “elevam as expectativas de aceitação” (Luhmann, 2007, p. 156). Seria impossível se se partisse de que comunicar é transmitir informação. Seria improvável se se partisse de que a comunicação depende de cada ser humano individuado, pois, é improvável que ego compreenda o que alter quer exprimir, “é improvável que uma comunicação alcance mais pessoas do que aqueles presentes numa situação concreta”, é improvável que a comunicação seja aceita, ou seja, que, além de ser compreendida, que ela conduza a ação de ego (Luhmann, 2016b, p. 182-183; Rodríguez Mansilla; Opazo, 2007, p. 114-160). Ocorre que os seres humanos se comunicam.

Posso pressupor que tudo o até aqui escrito é passível de compreensão por leitoras(es) não porque há transmissão de informação, nem porque há a leitura correta ou porque todos chegarão a um consenso. Tampouco porque todos sabemos português, temos o mesmo conteúdo para cada palavra. Posso pressupor compreensão porque a informação aqui partilhada promoverá irritações nos leitores, independente de se aceitam, concordam não com o que está escrito.

Já vimos que o abandono do fundamentalismo normativista hierárquico traumatiza o desejo conteudístico, o desejo de dominar um saber, dominar uma comunicação. Para isso,

a teoria dos sistemas lida com três bases teóricas: a teoria da diferenciação como forma de dois lados (Luhmann, 2007, p. 28-30); a teoria da comunicação, aos moldes da cibernética (Luhmann, 2007, p. 40, 91); e a teoria da evolução de maneira recursiva (Luhmann, 2007, p. 327). Com essa base teórica, teoria social lida com a sociedade com a perspectiva de aprendizado e, não, de ensinamento (Luhmann, 2007, p. 10). Aplicando isso, temos que política, economia, direito são formas de comunicação e, não, objetos ou sujeitos.

Sistema, nessa perspectiva, não é um ente sobrenatural, nem natural, e não tem uma essência, nem é uma estrutura superiorizada, mas formas de comunicações hipercomplexas. Não toda comunicação, portanto, é sistema. Há temas que não são hipercomplexos. Os hipercomplexos são os que, por aquisição evolutiva, assumiram a forma de sistema, de sistema de comunicação com sentido. Quanto a isso, o trauma se dá quando se fala que há “sistemas observam”, como são os sistemas autorreferentes, que

[...] operam, portanto, sob a ilusão de um contacto com o ambiente - pelo menos enquanto observam apenas o que observam e não observam como observam. A experiência da resistência e da arbitrariedade dos resultados das operações é registada externamente e, portanto, cria um mundo ao qual é preciso se submeter. A fenomenologia é praticada como ontologia (Luhmann, 2007, p. 67).

O trauma do abandono da concepção de que é o ser humano ou um grupo social quem estabelece sentido é superado quando se considera que

Todas as operações (comunicações) têm uma dupla função: elas determinam (1) o estado histórico do sistema a partir do qual esse sistema deve partir nas próximas operações. Elas determinam o sistema como sendo assim e não de outra forma. E elas formam (2) estruturas como esquemas de seleção que permitem o reconhecimento e a repetição, ou seja, condensam identidades (frequentemente chamadas de invariantes, seguindo Piaget) e as confirmam em situações sempre novas, ou seja, generalizam (Luhmann, 2007, p. 67).

Trata-se de abandonar a perspectiva de verdade das filosofias e teorias sociais vétero europeias. Que verdade é uma verdade indiscutível? As que têm por causa as observações fáticas e enunciadas por autoridades? A inadmissibilidade de se questionar algo porque é

verdade está no objeto ou no sujeito? Fomos e ainda somos colonizados a crer em verdades indiscutíveis. Fomos e somos treinados a acreditar que: eu vi, por óbvio, eu sei a verdade. Se eu penso como penso, por óbvio o que penso é a verdade, pois se fosse mentira, eu saberia e, é evidente, corrigiria e não enunciaria mentiras, mas a verdade. Nada justifica expressar, publicar, dizer mentiras em lugar de verdades, salvo quem tem interesse em enganar, o que não é ético. Acreditamos que: minha opinião, minha visão, minha leitura, minha verdade é a única verdade possível.

O trauma aqui é abandonar a concepção de que há um ser que detém o poder dominante, a causa determinante das coisas, as verdades últimas, a essência do saber, a racionalidade, a civilidade. Para superar este trauma basta admitir que não há a causa única, antes, há complexidade, mais, há autocomplexidade. Uma comunicação assume a forma de sistema quando “se dá um nexos entre fechamento operacional e tendência evolutiva para construir autocomplexidade”. Isso tem lugar quando o sistema se isola do ambiente, se diferencia dele por meio de uma “ordem interna de enlace de elementos. Unicamente a produção de elementos próprios por meio de elementos próprios (*autopoiesis*) impulsionada sobre esta base pode elevar a construção de complexidade própria” (Luhmann, 2022, p. 101). Um exemplo é compreender que o poder não se reduz à política. Há poder político, poder econômico, poder jurídico, poder na arte, na educação, na ciência (Mascareño, 2022, p. 22; Luhmann, 2022, p. 100).

A crítica sistêmica à teoria do conhecimento de base ontológica transcendental pautada pela dicotomia sujeito/objeto está em que o sentido de algo não depende da exclusão de informações contrárias, antes, o sentido é uma forma de dois lados. A crítica não está em defender a inexistência de verdade, ou que não é possível conhecer (nihilismo), mas sim que, na perspectiva ontológica vétero europeia, a verdade leva a ideais como que o homem é superior à mulher, afinal, por designo divino e da natureza, o homem é sujeito e a mulher objeto face à debilidade natural da mulher (Luhmann, 2007, p. 289). O mesmo

quanto aos seres humanos brancos e os não brancos (negros, índios, pardos etc.). Para Luhmann, a teoria social “deveria entender primeiro porque a sociedade se causa tantos problemas a si mesma, independentemente da intenção de melhorá-la tendo em vista ideias como maior solidariedade, emancipação, comunicação racional, interação social etc.” (Luhmann, 2007, p. 10).

Por essas e outras, a teoria dos sistemas afasta do observador sistêmico a ontologia sujeito/objeto e “em lugar da distinção sujeito/objeto, coloca a distinção sistema/ambiente” (Luhmann, 1996, p. 318).

Antes que se conclua algo dessa proposta de afastamento, esclareço que não se trata de negar que existem normas sociais, ordem social. Porém, normas e ordem são formas de comunicação com sentido. É necessária e impreterivelmente paradoxal. Como forma, ela tem dois lados. Não há ordem sem desordem, por exemplo. Então, uma teoria social não pode lidar apenas com o lado ordem, ela tem que lidar também com o lado desordem. Esse é o ponto.

Reputo como o maior desafio do pensar sistêmico tecer reflexões não fundamentalistas, hierárquicas e normativistas. Observem o quanto a expressão “ao mesmo tempo” é frequente os escritos de Luhmann.

Uma vez aceito o desafio de pesquisar afastado de hierarquia, normativismo e fundamentalismo e, aplicando a lógica circular reflexiva do “ao mesmo tempo” (Stamford da Silva, 2021, p. 31, 97), proponho que você faça o exercício de escrever uma reflexão sua sobre qualquer tema de sua livre escolha. Feito isso. Leia suas reflexões considerando se nelas há elementos de idealismos hierárquicos, normativistas e/ou fundamentalistas. A tendência é, sim, haver. Por que que a gente é assim ... não é um tema com o que me ocupo. Diga-se de passagem.

Uma hipótese é que, devido a termos sido colonizados por europeus, a filosofia a que fomos estimulados a crer tem os gregos, em especial Platão e Aristóteles, como os mentores intelectuais, como o foram por toda a idade média. Não se trata de negar a importância desses e tantos outros mentores intelectuais e suas filosofias, mas, sim, de considerar que cientificamente não há a última palavra e que as dicotomias teoria/prática, abstrato/empírico, objetivo/subjetivo, *a priori/a posteriori*, ser/dever ser etc. não têm hierarquias, nem normatividade, nem fundamentos, nem essência. Fazer ciência não é produzir inimigos autoelegidos, por mais que muitos optem por esse caminho. A questão é se quando assim atuam, ainda podem ser tomados por cientistas. Entendo que não (Stamford da Silva, 2021, p. 167).

Lidar com o trauma gnosiológico requer considerar conhecimento é uma forma de comunicação, de comunicação com sentido, portanto, envolve operar por seleção, o que necessariamente implica promover uma diferenciação, afinal

Toda distinção obriga sempre a partir de um lado (e não do outro) da distinção; mas, ao fazê-lo, não só o outro lado fica por designar, como também a própria distinção, ou seja, o próprio observador, ou seja, o mundo. Esta condição não pode ser anulada por nenhum argumento. Por isso, não faz sentido tentar incluí-la “criticamente” na argumentação. Mas isso não exclui a possibilidade de passar para o outro lado da distinção utilizada ou de designar uma distinção diferente daquela que deve servir de base para uma argumentação, por exemplo, não sujeito e objeto, mas sistema e ambiente (Luhmann, 1997, p. 318).

Passemos aos traumas epistêmicos.

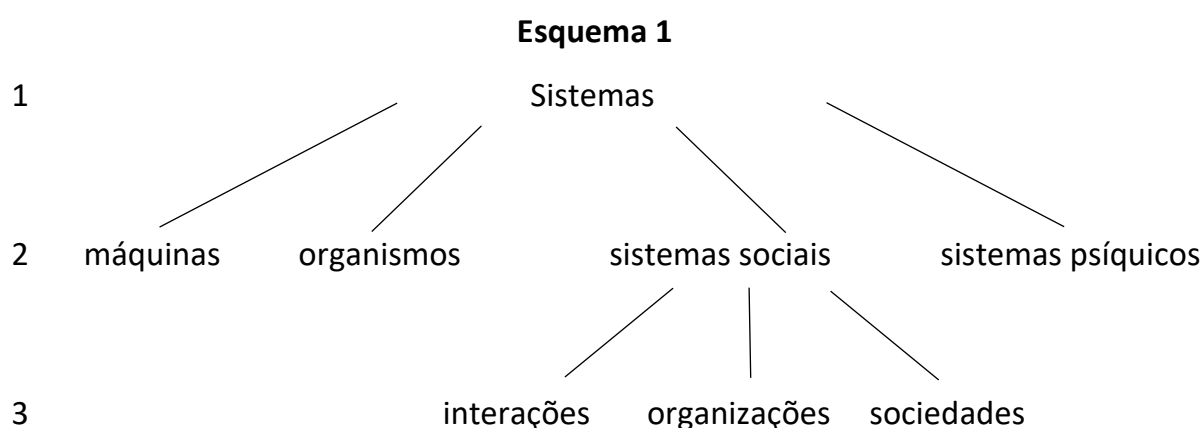
3 ADVERTÊNCIAS ANTI-TRAUMAS EPISTÊMICOS

Toda teoria tem seu objeto. Isso também se aplica às superteorias, como são as teorias gerais que identificam áreas de conhecimento: teoria física, teoria química, teoria biológica, teoria da administração, teoria política, teoria social, teoria jurídica. Sobre esse

tema, a teoria dos sistemas, ao questionar qual o elemento próprio da vida em sociedade, qual é produto do viver humano em sociedade, a resposta não é o indivíduo, nem a ação, nem a razão. É a comunicação. Não é o indivíduo porque o ser humano é constituído de células biológicas, elementos físicos e químicos, de psiquê e de sociedade. Nenhuma teoria social é capaz de lidar com toda a complexidade do ser humano, mas apenas com seu elemento o social, portanto, com a comunicação com sentido.

Vejamos agora as advertências anti-traumas quanto à perspectiva de observação sistêmica.

Há três níveis de observação sistêmica que vão da teoria geral dos sistemas, aos sistemas especializadas e ao nível da teoria social.



Fonte: Luhmann (2016b, p.17)

Com esse esquema Luhmann explica que os elementos do nível mais geral são mais abstratos e, portanto, aplicáveis à análise de qualquer sistema. Quando se trata de uma análise no segundo nível, temos que máquinas, organismos, sistemas sociais e sistemas psíquicos são sistemas de comunicação, então, o observador precisa tecer comparações entre esses sistemas e, ao observar os elementos próprios de cada espécie, diferencia cada um deles. Com isso, temos que a forma de comunicação (operação) das máquinas e dos

organismos (células biológicas) não são comunicações à semelhança das comunicações dos sistemas sociais e dos sistemas psíquicos. Luhmann considera que a diferença está em que as comunicações dos sistemas sociais e dos sistemas psíquicos são comunicações com sentido. Com isso, a autopoiese realizada pelas células biológicas é diferente da autopoiese da comunicação humana porque esta última produz e reproduz sentido.

A observação sistêmica de sistemas sociais, o nível 3 de análise, diferencia os sistemas de interação, dos sistemas das organizações, do sistema sociedade. Neste nível, como se trata de sistemas sociais, todos são formas de comunicação com sentido, porém se diferenciam quanto às dimensões do sentido, ou seja, quanto à dimensão material (factual), à dimensão temporal e à dimensão social.

A dimensão material do sentido se refere a “todos os objetos de intenção constitutiva de sentido (em sistemas psíquicos) ou temas de comunicação constitutiva de sentido (em sistemas sociais)” (Luhmann, 2016b, p. 98), trata-se de quando uma comunicação lida com as opções: isso ou aquilo. A questão é que o esquema coisificado da linguagem, portanto, a concepção do mundo como “realidade”, não permite lidar com a complexidade dessa dimensão do sentido porque reduz o sentido a algo referente, como se as palavras fossem as coisas, fossem referências a objetos. Na teoria dos sistemas, a linguagem é uma aquisição evolutiva e, é ela mesma quem promove os limites da comunicação e não objetos ou sujeitos, com vimos no trauma gnosiológico.

A dimensão temporal trata de quando uma comunicação lida com as opções: antes e depois. A questão é que para a sociedade “tempo é interpretação da realidade em relação a uma diferença entre passado e futuro” (Luhmann, 2016b, p. 100). O importante aqui é que os horizontes de sentido relativos ao passado e ao futuro não implicam início e fim. Uma comunicação humana com sentido não tem início nem fim. Não tem início porque toda forma de comunicação conta com a semântica histórica de sua forma e, ao mesmo tempo, conta com a possibilidade de revisão. Assim, há o presente reversível e o presente não

reversível. Uma vez feita uma comunicação, é irreversível dizer que não foi dito nada, que nenhuma comunicação foi partilhada. Por outro lado, é reversível quanto ao sentido do que foi comunicado. É possível dizer que não quis dizer o que se está atribuindo ao que foi dito.

A dimensão social trata de quando uma comunicação lida com as opções: alter e ego. A questão é que para a sociedade as experiências de mundo e fixação de sentido não se dão pela interpretação de um ser humano individuado, mas há o horizonte duplo. Alter e ego, porém, não são referências a ser humano individuado nem psíquicos, mas sim, endereços comunicativos, o que implica considerar o sentido como dupla contingência, ele conta tanto com a perspectiva de ego ao mesmo tempo que de alter (Luhmann, 2016b, p. 102). A dimensão social do sentido não é uma questão de referência a um objeto, “ela se torna relevante na medida em que no vivenciar e no agir se evidencia que as perspectivas de concepção que um sistema se refere a si mesmo não são compartilhadas por outros” (Luhmann, 2016b, p. 103). Com isso, Luhmann se refere à autorreferência do sentido, a que só por comunicação é possível se comunicar, que só o direito produz e reproduz o sentido de direito, só a política produz e reproduz o sentido de política. Só a economia produz e reproduz o sentido de economia. Assim como é com todos os sistemas de sentido.

No lugar do problema clássico da intersubjetividade - que em parte se entende por si mesma e em parte precisa ser elaborada -, surge agora o fato de que as auto-observações e auto-descrições sociais, uma vez que só podem ocorrer como comunicação, expõem-se, por sua vez, à observação e à descrição. Isso leva a uma constante reescrita de descrições já existentes e, conseqüentemente, à geração contínua de perspectivas incongruentes. A autodescrição é, portanto, um e apenas um problema; mas, quando tematizada, gera quase inevitavelmente várias soluções. O sistema tende à “hipercomplexidade”, a uma maioria de concepções de sua própria complexidade (Luhmann, 2007, p. 695).

Observador sistêmico é consciente de que tudo o que se observa não é suficiente para ser e significar tudo o que se está observando. Isso implica que a decisão tomada é uma forma de comunicação para a próxima decisão.

Um médico sistêmico, por exemplo, aborda um paciente considerando a complexidade físico-química, hormonal, biológica, psíquica e social do paciente para decidir o tratamento a ser prescrito para esse paciente. Ainda assim, o médico sistêmico sabe que cada paciente é um paciente, portanto, por mais que exista padrões de tratamentos, o único tratamento adequado possível não existe. Por assim lidar com suas decisões e com o constante acompanhamento do paciente, esse médico sabe que suas decisões são informações para as futuras decisões.

A reflexão sistêmica pressupõe que o observador conheça seus limites – da teoria e dele mesmo –, afinal “não se vê o que não se vê” (Luhmann, 1998, p. 100), “o mundo é o ponto cego de sua própria observação” (Luhmann, 1998, p. 155), contudo, “não tem como não se comunicar” (Luhmann, 2016a, p. 469).

Com isso se pode imaginar que a teoria dos sistemas proporciona liberdade reflexiva ao observador que beira à anarquia, nos moldes de Paul Feyerabend (2011). Entendo que sim, ela viabiliza um trajeto caótico de reflexividade. Percebamos os termos: trajeto e caos. É isso. Paradoxo. “Paradoxo essencial, não lógico” (Luhmann, 2007, p. 65). Explico: sociedade é o sistema de todas as formas de comunicação com sentido possíveis. Ocorre que toda comunicação com sentido é uma forma e, como tal, é uma diferenciação que tem dois lados: o sentido marcado só é possível porque ao mesmo tempo há um lado não marcado. Simples: quando atribuímos sentido a algo ao mesmo tempo incluímos ao que ele não é.

A liberdade reflexiva, não ignoro, é agradável para uns, mas traumática para aqueles que preferem ser guiados, que têm uma teoria por um modelo pronto, à espécie dos tipos ideias de Weber. Lidar com a linguagem sem buscar a definição definitiva requer superar os traumas gnosiológicos e epistêmicos, principalmente para quem suas ideias são verdades indiscutíveis, para quem o outro não passa de seres a serem liberados de suas ignorâncias por mim, conhecedor da verdade.

Estou me referindo à perspectiva de que “sistemas observam”. Pois é: máquinas, células biológicas, consciência e sociedade são sistemas que observam. Com mais essa advertência anti-trauma advertimos que não há nenhum ser humano capaz de dominar e controlar a linguagem. Só a linguagem mesma. É que sociedade é um “caso extremo de auto-observação policontextual, de um sistema estrangido à auto-observação sem poder atuar como se fosse um objeto sobre o qual só se procede uma opinião correta” (Luhmann, 2007, p. 63). Os sistemas que observam, observam a si mesmo e ao seu ambiente, são sistemas autorreferentes. Trata-se de que: só por comunicação é possível se comunicar. Que só o direito comunica sobre o direito. Só a economia comunica sobre economia. Só a política comunica sobre política. Só a arte comunica sobre arte. Só a ciência comunica sobre ciência. Só a educação comunica sobre educação. Ocorre que não existe isolamento, nenhum sistema é isolado de seu ambiente. Antes, para livrar desse trauma: todo sistema cria seu ambiente ao mesmo tempo em que todo ambiente cria seus sistemas.

Para a Teoria dos Sistemas Autopoéticos Temporalizados, o ambiente é necessário porque as ocorrências sistêmicas podem parar a qualquer momento e as ocorrências sequentes só podem ser produzidas com auxílio da diferença entre sistema e ambiente.

Isso conduz a uma radical deontologização da perspectiva sobre os objetos como tais - uma descoberta que corresponde aos resultados da análise de complexidade, sentido, pressão seletiva e dupla contingência. Desse ponto de vista resultante, não existe uma localização unívoca de qualquer tipo de “itens” no mundo, nenhuma atribuição unívoca na relação entre eles. Tudo o que acontece é sempre ao mesmo tempo pertencente a um sistema (ou a vários sistemas) e pertencente ao ambiente de outros sistemas. Toda determinação pressupõe realização de redução, e cada observação, descrição, apresentação de determinação demanda a indicação de uma referência sistêmica, na qual algo é determinado como fator do sistema ou como fator de seu ambiente (Luhmann, 2016b, p. 203).

Simple: só é possível comunicar por comunicação implica admitir que a comunicação mesma é quem atribui sentido ao que se comunica.

As decisões gnosiológicas e epistemológicas influenciam as decisões terminológicas, por isso, além dos traumas gnosiológicos e epistêmicos, há os traumas terminológicos, pois Niklas Luhmann desenvolve sua teoria reconfigurando os conceitos aos que recorre.

4 ADVERTÊNCIAS ANTI-TRAUMAS TERMINOLÓGICOS

Se a origem matemática da teoria sistêmica, seguida largamente na biologia, não tardou chegar ao pensamento social (sociologia, administração, economia, antropologia, ciência política, direito etc.), a empolgação do período inicial deixou marcas até hoje presentes. Dentre elas, há a crítica de que não é viável aplicar ideias matemáticas, físicas, biológicas para se observar a sociedade. Arisco afirmar que Luhmann lidou com essa crítica ao aplicar a técnica Zettelkasten², com a qual ele relacionava ideias de diversos autores e área do conhecimento para construir os elementos de sua teoria social. Assim é que recursividade, complexidade, paradoxo, acoplamento estrutural, estrutura, diferenciação, comunicação, sentido, autopoiese em Luhmann não tem o mesmo sentido que na matemática, física, biologia etc. Por exemplo, autopoiese para Luhmann não é o mesmo que autopoiese para Maturana e Varela. A autopoiese da comunicação humana não é o mesmo que autopoiese das células biológicas.

O trauma está em abandonar a perspectiva de que todo conceito tem uma única definição, justamente a aquela referente à essência do conceito. Na teoria dos sistemas “conceitos são decisões que podem mudar” (Luhmann, 2007, p. 27) e não formulações

² O Zettelkasten de Luhmann é uma coleção de notas em pedaços de papel com um toque especial: é um hipertexto que ele poderia navegar pela gaveta do armário contendo todos os pedaços de papel com uma quantidade razoável de tempo e energia. “Razoável” significa que era razoável para Luhmann, que, obcecado por sua teoria da sociedade, era um workaholic e um burocrata entusiasmado. Um hipertexto precisa ser navegável. Na Wikipédia, você só precisa clicar em um link para acessar o próximo artigo dentro do hipertexto da Wikipédia. Exige mais esforço seguir um link se o hipertexto for baseado em papel. O outro problema é que você precisa de um ponto de partida para sua jornada. Então Luhmann criou seu Zettelkasten para tornar sua coleção de notas navegável. Ele precisava de pontos de entrada e um mecanismo para navegar de uma nota para outra de forma produtiva (Sascha, 2020).

voltadas à fixação do sentido. A isso se acresce que fazer teoria é seguir em “um estado de desassossego permanente” (Luhmann, 2007, p, 19). Um trauma desse trauma é que não é possível dogmatizar a teoria sistêmica luhmanniana, mas, não por isso, ela permite um vale tudo terminológico.

Luhmann (1979, p. 3) parte da teoria da forma de George Spencer-Brown, para quem diferenciar é necessariamente estabelecer uma indicação³. Trata-se do cálculo da forma. Temos, então, que comunicar é uma forma, portanto, uma operação de seleção na qual “o valor indicado é o valor indicado”, porém, “o valor da próxima indicação não é o valor da primeira indicação”. Não é possível comunicar sem proceder uma diferenciação e, diferenciar como forma de dois lados implica que o sentido comunicado conta com um lado marcado e um lado não marcado. Trata-se de se atribuir o sentido ao sistema ou ao ambiente. A compreensão do que foi partilhado numa comunicação conta ao mesmo tempo com o que não foi comunicado.

Aplicando isso ao termo Sistema, temos que sistema não é um objeto, uma coisa, um ente, mas sim uma forma de comunicação. Chamo atenção para o termo forma. Quando se trata de forma de comunicação se está considerando que, para ter sentido, há referência a elementos estruturadores do que se comunica. Certo que pode haver comunicação aleatória, porém, para ter sentido, toda comunicação precisa ser referenciada a um sistema. Ocorre que a atribuição de sentido não é feita por um indivíduo (aquele que enuncia ou a quem é enunciado). A atribuição de sentido depende de a comunicação ser atribuída ao ambiente ou a um sistema.

Para Luhmann, a comunicação humana é possível porque alguns temas evoluíram (aquisição evolutiva) à hipercomplexidade ao ponto de se tornarem *médiuns* de comunicação simbolicamente generalizados, é o caso de temas como: dinheiro,

³ *Distinction is perfect continence.*

governabilidade, licitude, fé, belo artístico, titulação educacional, amizade/amor, habilidade esportiva, saúde. Nesses *médiuns* foram se formando, respectivamente, os sistemas: economia, política, direito, religião, arte, educação, amor, esportes, saúde.

Aproveito para esclarecer que hipercomplexidade não é uma questão apenas de multiplicidade de elementos, mas sim que

Um sistema pode ser descrito como complexo de diversas maneiras. Isso decorre tanto da construção paradoxal do conceito quanto do fato de que um observador pode descrever as descrições de complexidade de outro observador - de tal forma que podem vir a constituir sistemas hipercomplexos que contêm uma pluralidade de descrições da complexidade (Luhmann, 2007, p. 103).

Complexidade, na teoria dos sistemas, não é uma infinidade ou multiplicidade de elementos, mas sim uma distinção em forma de paradoxo, o paradoxo da unidade com multiplicidade.

A “forma” da complexidade é o limite das ordens em que ainda é possível vincular cada elemento a todos os outros a qualquer momento. Tudo o que vai além disso se baseia na seleção e, portanto, cria estados contingentes (também possíveis de forma diferente). Toda ordem reconhecível é baseada em uma complexidade que torna visível que também outra maneira é possível. [...] Em resumo: a forma da complexidade é a necessidade de manter uma relação seletiva entre os elementos ou, dito de outra maneira, a organização seletiva da autopoieses do sistema (Luhmann, 2007, p. 102-103).

O importante é saber que, ao comunicar, necessariamente se promove uma diferenciação. Não é possível comunicar tudo de uma vez, então se opera por seleção. Toda comunicação lida com um tema, o qual limita as palavras, os conceitos para que a comunicação tenha êxito. Ter êxito é irritar um agente comunicante, que pode ser uma pessoa, um grupo de pessoas, uma organização, um sistema social. Comunicação não é transmissão de informação, mas sim uma seleção que opera uma diferenciação:

as informações são sempre diferenças no tempo (internas ao sistema), ou seja, diferenças dos estados do sistema que resultam de combinar designações autorreferenciais e heterorreferenciais — porém sempre processadas no interior

do sistema. Si isto é válido para a formação dos sistemas neurofisiológicos, também o é para os sistemas de comunicação (Luhmann, 2007, p. 149).

“A sociedade é um sistema que estabelece sentido” (Luhmann, 2007, p. 32), ocorre que “sentido é um produto das operações que o utilizam e não uma qualidade do mundo devido a uma criação, fundação ou origem” (Luhmann, 2007, p. 29).

Ocorre que não somos nós, individuados nem coletividade (grupos, redes) que estabelecemos o sentido de algo, mas o sistema mesmo. Trata-se de que as comunicações hipercomplexas produzem e reproduzem seus sentidos. O direito, a economia, a política, a arte, a religião, sistemas de sentido que são, produzem e reproduzem o sentido de seus elementos. Lembrem do trauma epistêmico, há sistemas que observam. Com isso temos que a intenção mesma (consciência) não é comunicada. É possível entender, ter empatia, alteridade, fraternidade, simpatia. Mas não é possível sentir a dor alheia. A intenção, a razão, o interesse, a motivação são formas de sentido da consciência, são formas do sistema psíquico.

Na perspectiva sistêmica, linguagem é o acoplamento estrutural da consciência com a sociedade, do sistema psíquico e o sistema social, afinal, “não há nenhuma determinação psicológica na unidade dos elementos dos sistemas sociais” (Luhmann, 2016b, p. 162). Há, também, interpenetração, quando o sistema psíquico e o sistema social estão tão imbricados que um viabiliza a formação do outro, a complexidade de um contribui para a construção do outro sistema, de modo que viabiliza as condições de possibilidades da dupla contingência entre esses sistemas (Luhmann, 2016b, p. 244-245). Interpenetração não se confunde com o acoplamento estrutural: “o acoplamento estrutural ordinário entre sistemas da consciência e sistemas de comunicação se faz possível pela linguagem” (Luhmann, 2007, p. 79).

O sentido não é uma atribuição a uma intenção, é possível, ao observar, considerar intencionalidades, mas a intenção mesma, não é observável. O sentido “é produto das operações que o usam e não uma qualidade do mundo devida a uma criação, fundação ou origem” (Luhmann, 2007, p. 28). A comunicação é uma forma, portanto, diferenciação e, como tal, não separa, mas, sim, distingue ao selecionar o que se atribui como sentido. Assim é porque “Não há uma idealidade separada do viver e do comunicar” (Luhmann, 2007, p. 28). É que “os sistemas que operam com sentido são atados ao médium de sentido. Só o sentido lhes confere realidade em forma de atualização sequencial de seu operar” (Luhmann, 2007, p. 37).

Para Luhmann, após a imprensa, o ser humano se viu obrigado a ser alfabetizado, a saber ler e escrever para, digamos assim com certa hipérbole, “pertencer” à sociedade. As mudanças que a imprensa promoveu vai da necessidade de alfabetização, a um aumento vertiginoso da velocidade das comunicações humanas. Com a imprensa foram possíveis os meios de comunicação em massa e a difusão de informações entre não presentes, além da “perpetuação” de informações (memória semântica, a historicidade dos conceitos). Não apenas a oralidade, mas a comunicação escrita muda profundamente a vida em sociedade. A temporalidade, por exemplo, conceito central da teoria luhmanniana, não é uma questão de passagem evolutiva de passado/presente/futuro, mas sim condição para a formação de conceitos. É que uma comunicação com sentido conta necessariamente com limites que se dão apenas e justamente no momento em que uma comunicação é partilhada.

Sistemas sociais são sistemas temporalizados, atados ao tempo. Isso não implica que o tempo viabiliza uma fixação de sentido, mas sim que o sentido requer tempo para ser passível de compreensão, pois o processo seletivo do sentido é o que torna o mundo acessível. Sem uma operação de seleção, não há comunicação com sentido. Porém, não se pode esquecer que não cabe falar em fixação de sentido. Aproveito para advertir que não se trata de formação de conceitos, mas de forma de sentido e, como forma, há a

diferenciação atual/possível. Trata-se do paradoxo do sentido, ou seja, de que há o sentido atual ao mesmo tempo em que há o sentido possível.

Repito a questão do tempo presente reversível e o presente irreversível. É possível negar o que se disse, porém, não é possível negar que algo foi dito. A relevância que se atribui a uma fala, a uma comunicação não é um querer individual, mas sim uma formação recursiva de informações enunciadas. Uma comunicação não é reversível, porém, o sentido atribuído a ela, sim, é reversível, tanto é que o normal é haver leituras distintas de qualquer comunicação. Mas, como isso é possível haver comunicação humana? A resposta geral é: “a comunicação é unicamente possível como processamento de diferenciação” (Luhmann, 2007, p. 149). Ocorre que comunicar não é transmitir informação. Entre máquinas, sim. Entre as células biológicas, não necessariamente. Entre seres humanos, necessariamente comunicar com sentido não é transmissão de informações.

A metáfora da transmissão (Luhmann, 2007, p. 142) não serve para explicar a comunicação humana por ela ocultar vários de seus elementos, pressupõe haver uma unidade ôntica na informação, que é uma substância, um conteúdo, uma essência. Emissor e receptor são veículos. Na teoria dos sistemas, comunicação é a realização simultânea de três seleções: informação (seleção num repertório, não é conteúdo, essência, é toda a complexidade informativa), partilha (maneira de partilhar a informação, expressar, enunciar) e compreensão (expectativa de êxito). Informação é uma das seleções e não a própria comunicação e, como seleção, não é um conteúdo a ser transmitido, mas uma codificação. Vejam a importância da teoria da diferenciação. Codificar é tornar um acontecimento uma informação num determinado processo comunicativo. Quando isso não, os acontecimentos não codificados são interrupções comunicativas (ruído, *noise*) (Luhmann, 2016b, p. 166). Toda e qualquer comunicação conta com a seleção da informação a ser partilhada (*mitteilung*) sem o que não há compreensão, portanto, não há participação, não há comunicação. Trata-se de que comunicação é uma operação que conta com três

seleções necessárias para ocorrer: a seleção da informação; a seleção de como partilhar a informação e a seleção de compreender. Observe que não é necessária a seleção da decisão, a decisão de concordar o não com o que foi comunicado não é necessária para que a comunicação ocorra. Importante é que compreenda que alter partilhou uma informação. Dario Rodríguez chama atenção para que, na teoria dos sistemas, a comunicação começa com alter e não com ego (Rodríguez Mansilla, 2007, p. XXXVII).

Os termos alter e ego não são elementos da psiquê humana, nem como indivíduos, mas como processadores de informação, como endereçamentos comunicativos, como horizontes de sentido. Ego é a quem se partilha e alter, quem partilha algo. Para que uma comunicação ocorra as três seleções têm que ocorrer, o que exige que todas elas sejam codificadas, estandardizadas, ou seja, operativamente unificadas numa “autorreferência basal”, ou seja, a comunicação – portanto todas e cada uma de suas seleções - é assegurada recursivamente nas possibilidades e controles de compreensão para que a comunicação possa seguir comunicando. Há a pressão para a continuidade comunicativa.

Como endereçamentos comunicativos, alter vivencia ao mesmo tempo duas conexões: a seleção de informação e a seleção da partilha. A seleção de informação leva alter a processar seu próprio pertencimento comunicativo, sua participação no mundo dos sentidos (na comunicação com sentido, onde a informação pode ser correta ou falsa, entendida ou não – posição de sujeito, pessoa). A seleção da partilha implica que alter processa a sua liberdade de executar ou não a partilha (vale a pena falar, escrever – posição de pertencimento ao mundo). Ego diferencia a informação da partilha para processar sua compreensão.

Quando comunicamos, comunicamos com sentido, isso implica que há necessariamente uma codificação, uma estrutura semântica, signos linguísticos são mobilizados. A complexidade do ser humano conta com células biológicas, químicas, físicas, corpo, com psiquê, com socialização (comunicação), e também com máquinas,

principalmente na sociedade atual, tanto pelas redes sociais, quanto devido aos algoritmos de inteligência artificial. Percebe que comunicação é uma das partes do complexo humano? Voltando à diferenciação, o que diferencia o social e o psíquico dos sistemas biológicos e das máquinas, é que o social e o psíquico realizam comunicação com sentido. Porém, o social se diferencia da consciência porque a comunicação social conta com aquelas três seleções. Isso não implica desprezar ou desconsiderar o psíquico, antes, ele é pressuposto como indispensável. Luhmann diferencia indivíduo de pessoa para esclarecer isso. Indivíduo se trata da personalidade, da consciência. Pessoas são endereçamento comunicativos sociais (Luhmann, 2016b, p. 166).

O direito, por exemplo, é a forma de todas as comunicações com sentido possíveis sobre licitude. O sistema do direito lida com a atribuição lícito/ilícito. Tanto o lícito quanto o ilícito integram o direito. Ilícito não é NÃO direito, ele é sentido interno do direito. Economia, política, arte, religião esses sim, são sentidos externos, eles não são elementos do direito. O importante é que “o mundo só pode ser observado na comunicação sob a forma de paradoxo” (Luhmann, 2007, p. 26). Pois é. A teoria parte de que tudo que é dito poderia ter sido dito outra coisa. Podemos dizer que fomos mal interpretados. Podemos dizer que não queríamos ter dito o que foi dito. O que não é possível é dizer que não disse nada. Não é possível não comunicar e, só por comunicação é possível comunicar. Observação sistêmica é observar comunicação. Não intenções, não coisas, não indivíduos, não organizações.

Uma comunicação só é possível devido à atribuição de sentido. É que “o sentido, como forma irrefutável de elaboração da experiência, é orientado pelo problema da pluralidade de referências do sistema sob as condições de interpenetração (aqui, de sistemas pessoais no sistema social)” (Luhmann, 2018, p. 84), é que “O sentido recobre tudo o que é experimentado com a multiplicidade de indicações de outras possibilidades” (Luhmann, 2018, p. 84).

5 CONCLUSÃO

A teoria da sociedade com sistemas de comunicação com sentido tem por teoria do conhecimento a diferenciação-guia sistema/ambiente, que, como forma de dois lados, não há sistema sem ambiente, nem ambiente sem sistema (Luhmann, 1998, p. 275). Ao se afastar de fundamentalismos normativistas hierárquicos, a complexidade sistêmica é tão infinita quanto a do ambiente, ainda que para ocorrer uma comunicação se promove uma redução de complexidade. Mas essa redução é momentânea, contingente. Assim, a ordem social não promove eliminação da desordem, antes a sociedade é uma ordem na desordem.

O ponto é que, por aquisição evolutiva, aprendemos a diferenciar uma comunicação com sentido jurídico, daquela com sentido político, econômico, religioso, artístico etc. Uma comunicação está pautada pela unidade lítico/ilícito (direito) porque tem por referência se algo é lítico ou ilícito, bem como sabemos quanto não se trata de comunicação jurídica.

Em frases, temos que:

- “Comunicação é a menor unidade possível de um sistema social”;
- sistema existe”;
- “o sistema aprende”;
- “sociedade é o sistema de todas as comunicações possíveis”;
- “sistemas de sentido observam a si mesmo e o ambiente na forma de sentido”;
- “os sistemas que operam com o sentido ficam atados ao médium de sentido. Só o sentido lhes confere realidade na forma de atualização sequencial de seu próprio operar”;
- “sentido exige uma seleção que reduz o que é e permanece possível como realidade específica e caracterizável, para o que requer um outro lado da forma, um excesso de referências, um mundo cheio de possibilidades que não podem ser atualizadas ao mesmo tempo na comunicação”.

REFERÊNCIAS

- BATESON, Gregory. **Una unidad sagrada**: Pasos ulteriores hacia una ecología de la mente. Barcelona: Gedisa, 2006.
- FEYHABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: EdUnesp, 2011.
- LUHMANN, Niklas. **La ciencia de la sociedad**. México: Herder, 1996.
- LUHMANN, Niklas. **La sociedad de la sociedad**. México: Herder, 2007.
- LUHMANN, Niklas. **Organización y decisión**. México: Herder, 2010.
- LUHMANN, Niklas. **O direito da sociedade**. Petrópolis: Vozes, 2016a.
- LUHMANN, Niklas. **Sistemas sociais**: esboço de uma teoria geral. Petrópolis, Vozes, 2016b.
- LUHMANN, Niklas. Como é possível a ordem social? *In*: LUHMANN, Niklas. **Teoria dos sistemas na prática**. Vol. 1 - Estrutura social e semântica. Petrópolis: Vozes, 2018.
- LUHMANN, Niklas. **Poder en el sistema**. México: Herder, 2022.
- MASCAREÑO, Aldo. Prefácio a la traducción al español. *In*: LUHMANN, Niklas. **Poder en el sistema**. México: Herder, 2022. p. 9-28.
- RODRÍGUEZ MANSILLA, Darío. II. La sociología y la teoría de la sociedad. *In*: LUHMANN, Niklas. **La sociedad de la sociedad**. México: Herder, 2007. p. IV-XXII.
- RODRÍGUEZ MANSILLA, Darío; OPAZO B, María Pilar. **Comunicaciones de la organización**. Santiago de Chile: Ed. Universidad Católica, 2007.
- SASCHA. **Introduction to the Zettelkasten Method**. 2020. Disponível em: <https://zettelkasten.de/introduction/>.
- SPENCER-BROWN, George. **Laws of form**. New York: Dutton, 1979.
- STAMFORD DA SILVA, Artur. E por falar em teoria jurídica, onde anda a cientificidade do direito? **Revista da Faculdade de Direito de Caruaru**, n. 24, v. 1, ano 33, p. 63-78, 2002.
- STAMFORD DA SILVA, Artur. **10 Lições sobre Luhmann**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- STAMFORD DA SILVA, Artur. **Decisão jurídica na comunicativação**. São Paulo: Almedina, 2021.
- STAMFORD DA SILVA, A. Elementos de pesquisa empírica e direito. Da blindagem metodológica até o marco teórico, passando pela verdade e neutralidade científica. **Revista Direito Mackenzie**, São Paulo, SP, v. 18, n. 3, e17551, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/2317-2622/direitomackenzie.v18n317551>.